

Relatório Anual 2010

Brasil



© Greenpeace/Alcides Falanghe



© Greenpeace/Felipe Barra



© Greenpeace/ Lunas Parracho

Conteúdo

MENSAGEM DO CONSELHO	04
MENSAGEM DA DIREÇÃO	05
VALORES E PRINCÍPIOS	
A FORÇA QUE NOS UNE	06
UM TIME DE PESO	07
NO ENCALÇO DOS	
VILÕES DA FLORESTA	8
UM MAR DE RISCOS	9
REVOLUÇÃO ENERGÉTICA	10
PRESSÃO NA BOCA DA URNA	11
RELATÓRIO FINANCEIRO	12

Protesto nos arredores de Manaus, mostrando a seca que atingiu severamente a região em 2010.

DESMATAMENTO ZERO E RENOVÁVEIS JÁ

GREENPEACE

Associação Civil Greenpeace

Conselho diretor

Presidente	Marcelo Sodré
Conselheiros	Eduardo M. Ehlers
	Marcelo Takaoka
	Pedro Leitão
	Raquel Biderman Furriela
Diretor Executivo	Marcelo Furtado
Diretor de campanhas	Sergio Leitão
Diretor de campanha da Amazônia	Paulo Adario
Diretor de comunicação	Manoel F. Brito
Diretora de marketing e captação de recursos	Clélia Maury

RELATÓRIO ANUAL 2010

Texto	Juliana Tinoco
Edição e revisão	Leonardo Medeiros
Edição de fotografia	Danielle Bambace
Design	W5 Criação e Design

www.greenpeace.org.br

ATENDIMENTO
telefone: 11 3035 1151
e-mail: relacionamento@greenpeace.org

Mensagem do Conselho



© Greenpeace/Rodrigo Baleia

Marcelo Sodré

Diretor do Conselho do Greenpeace Brasil

Este texto tem um tom de despedida pessoal. Foram seis anos no Conselho do Greenpeace Brasil, quatro dos quais tive a honra de ocupar a sua presidência. A relação entre o Conselho e a organização executiva da entidade sempre foi de respeito, cooperação e crescimento. Tenho a convicção de que os resultados obtidos neste período fortalecerão o Greenpeace e sua atuação no Brasil durante os próximos anos.

Deste trabalho, gostaria de destacar: (i) o crescimento do número de colaboradores, que dobrou nestes anos; (ii) o relatório da "farra do boi na Amazônia" que desnudou as relações indecorosas entre os setores produtivo, financeiro e governamental no desmatamento da floresta amazônica; e (iii) o plano estratégico, lançado em 2010, que traçou as metas da entidade para os próximos três anos. Este plano contém metas ambiciosas, como o fim do desmatamento no Brasil e a conversão do país em uma potência energética de matriz renovável.

Para atingir estes objetivos, nossa visão é buscar o engajamento e a mobilização popular. O Greenpeace pretende mais uma vez dobrar o número de colaboradores e solidificar o relacionamento com seus ativistas, hoje estimados em mais de 400 mil em todo o país.

Às vésperas de completar 40 anos de existência no mundo, estou confiante de que o Greenpeace está consolidando, no Brasil, seu papel de defesa do ambiente e da promoção da paz. Despeço-me orgulhoso de ter feito parte desta história.

Mensagem da Direção



© Greenpeace/Rodrigo Baleia

Marcelo Furtado

Diretor executivo do Greenpeace Brasil

Reafirmamos nossos valores e missão e desenvolvemos uma estratégia focada nas áreas de Floresta, Clima e Energia que tentará engajar cada vez mais brasileiros na defesa de um país mais verde e mais limpo.

Gostaria de agradecer todo o apoio que recebemos e também as críticas. Ambos foram importantes para nos ajudar a desenhar uma organização mais sólida, mais próxima dos brasileiros e mais transparente para os nossos colaboradores e ativistas.

Finalmente, quero agradecer aos funcionários, ativistas e doadores que contribuíram para esse processo de reconstrução da organização e recordar a atuação sempre firme dos membros do conselho do Greenpeace Brasil. Sem seu apoio, seria impossível alcançar tudo o que fizemos no ano passado. Termino com uma homenagem especial a Marcelo Sodré, Pedro Leitão e Eduardo Elhers, conselheiros que terminaram seus mandatos. Eles saem do Conselho, mas seguem acompanhando nossos passos como colaboradores e com o Greenpeace no coração.

Muito obrigado a todos.

Da retrospectiva de 2010, é importante destacar que o Greenpeace participou ativamente do processo eleitoral. Fiéis aos nossos valores, não apoiamos nenhum candidato à presidência da República. Mas botamos pressão em Dilma Rousseff e em José Serra, para que, se eleitos, se comprometessem em acabar com o desmatamento no país e fizessem investimentos maciços no setor de energias renováveis.

Na nossa visão, e na de milhares de brasileiros, estes são os dois temas fundamentais da questão ambiental no país. Podemos nos transformar na primeira nação do mundo assentada em uma economia de baixo carbono, capaz de garantir a prosperidade de sua população sem recorrer, como fizeram os europeus no passado, à devastação do meio ambiente.

Serra e Dilma chegaram a se posicionar favoravelmente ao fim do avanço sobre nossas áreas de floresta. Graças ao nosso esforço e à repercussão na imprensa, o país debateu essas questões durante a eleição pela primeira vez.

Ao longo de 2010, também nos concentramos na formulação de um novo plano estratégico para os próximos três anos. Este plano inovou na sua metodologia e escopo, alinhando uma visão do Greenpeace que queremos ser com uma proposta do país que queremos ajudar a construir. Consultamos nossa equipe, voluntários, colaboradores, aliados e oponentes.

Valores e princípios

O Greenpeace é uma organização global e independente que atua para defender o ambiente e promover a paz, inspirando as pessoas a mudarem atitudes e comportamentos.

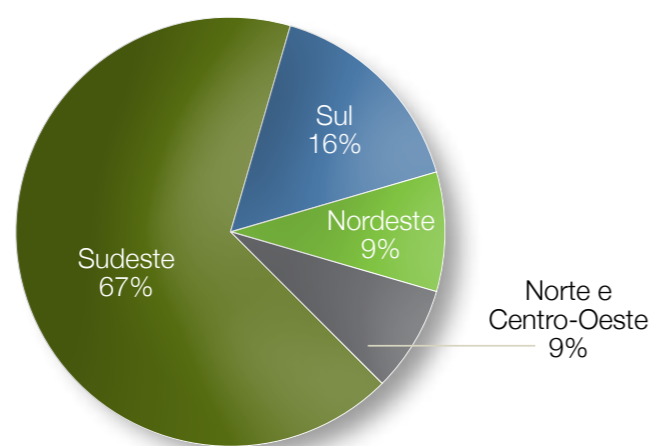
Investigando, expondo e confrontando crimes ambientais, desafiamos os tomadores de decisão a rever suas posições e adotar novos conceitos. Também defendemos soluções economicamente viáveis e socialmente justas, que ofereçam esperança para esta e para as futuras gerações.

Nossos valores – independência, não-violência, confronto pacífico e engajamento - são a expressão dos princípios que nos guiam e em que acreditamos. Utilizamos estes valores para orientar o desenvolvimento de nossas campanhas, nossa comunicação e nossa mobilização de recursos

A força que nos une

Bom nível sócio-cultural, em geral graduado na universidade, ou em vias de conclusão. Pessoas sedentas por informação, trocas de experiências e conhecimento. Inquietos em relação a diversos assuntos, muitos deles polêmicos, são pessoas sempre dispostas a ajudar o próximo. Este é o perfil do colaborador do Greenpeace, segundo revelou pesquisa do Instituto Análise, encomendada pela organização.

Ele está, em sua maioria, concentrado na região Sudeste – 67% das doações são desta área, seguido por Sul, com 16%, Nordeste, com 9% e Norte e Centro-Oeste, que juntas somam 8%. De 2009 a 2010, crescemos em 10% nossa rede de colaboração, alimentada por um equipe de relacionamento e ampliada com um trabalho de captação de recursos nas ruas e online.



Um time de peso

O Greenpeace é uma organização global e independente que atua para defender o ambiente e prUm time de peso

Eles são a cara do Greenpeace nas ruas. Vestem mais do que a camisa: colocam a fantasia, pintam o rosto, seguram o banner. Os cerca de 220 voluntários do Greenpeace Brasil estão divididos em oito grupos nas cidades de Belo Horizonte, Brasília, Manaus, Porto Alegre, Recife, Rio de Janeiro, Salvador e São Paulo.

Os voluntários oferecem suporte variado ao trabalho das campanhas. Cuidam dos pontos verdes, ocupações em locais públicos para promoção dos temas, organizam peças de teatro, palestras, e atividades infantis. Seguram todo tipo de cartaz ou mensagem de protesto. Há os que vão mais longe: escalam topos de prédios, chaminés e se acorrentam na frente de empresas. Estes, chamados de ativistas, recebem treinamento da organização para atuarem em protestos não-violentos.

A seleção para se tornar um voluntário do Greenpeace acontece, em geral, duas vezes ao ano, ou de acordo com a demanda das cidades. Para fazer a inscrição, pelo site, basta ser maior de dezoito anos e comprometido com os valores e o trabalho da organização.

Vida de voluntário



- Janeiro
- Fevereiro
- Março
- Abril
- Maio
- Junho
- Julho
- Agosto
- Setembro
- Outubro
- Novembro
- Dezembro

Pé na estrada: caravana percorre o litoral de São Paulo e Rio de Janeiro para informar turistas e comunidades costeiras sobre a importância de preservar os oceanos. Os voluntários viajaram em uma kombi, acompanhados por uma estrutura inflável que virava sala de projeção para o filme "O mar é nosso?".

"Pelada" pelo Código Florestal: em ritmo de Copa do Mundo, os voluntários promoveram um jogo de futebol entre o Bancada da Motosserra Futebol Clube e o Florestas Futebol Clube na Semana do Meio Ambiente. A única ordem era que o time das florestas, logicamente, ganhasse.

Nós vamos invadir sua praia: na sequência do vazamento de petróleo no Golfo do México, ativistas com os corpos cobertos por uma pasta negra simularam os efeitos de um acidente semelhante no Brasil. A ação aconteceu em três capitais.

Dia Mundial sem Carro: ocupar o espaço das vagas de automóveis com atividades lúdicas e informações variadas sobre meio ambiente. Foi assim que os voluntários de São Paulo comemoraram o dia mundial sem carro na cidade campeã de uso de veículos no Brasil.

No encalço dos vilões da floresta

O desmatamento da Amazônia, um dos grandes dramas ambientais brasileiros e o maior responsável pelas emissões de gases estufa do país, tem vários vilões. Eles estão escondidos sob violência, fumaça e até mesmo sob o teto do Congresso Federal.

O ano de 2010 foi de intenso trabalho político. O Código Florestal, legislação escrita para defender as florestas brasileiras, passou todo o ano em risco de ser transfigurada em lei de incentivo ao desmatamento, em prol de uma bancada de ruralistas que não medem esforços para legislar em causa própria. A função do Greenpeace neste jogo foi o de colocar à tona a discussão e impedir que a floresta virasse moeda de troca política em ano eleitoral.



Além do forte trabalho em Brasília, nossos ativistas estiveram nas ruas em três ocasiões. Na Câmara dos Deputados, ligaram sirenes durante a votação da comissão especial que discutia o novo Código. Interromperam a sessão com a mensagem “Não vote em quem mata florestas”. Durante a 16ª Conferência de Clima da ONU, em Cancún, a senadora Kátia Abreu, presidente da Confederação Nacional da Agricultura (CNA), recebeu, por seu intenso esforço em alterar a legislação florestal, o Prêmio Motosserra de Ouro.

Por fim, em dezembro, vestidos de vaca em frente ao Congresso, ativistas alertaram para a manobra política orquestrada pelo líder do governo na Câmara, Cândido Vaccarezza. O deputado declarou apoio aos ruralistas na aprovação, ainda em 2010, do novo Código. As vacas eram uma alusão ao nome do deputado. Elas insinuavam: “Vaca Rezza deseja a todos um Natal sem árvores”.

Uma importante parceria com o Instituto do Homem e Meio Ambiente da Amazônia (Imazon) também marcou o ano de 2010. O Sistema de Alerta de Desmatamento (SAD) do instituto, que monitora de forma independente a derrubada da floresta, ganhou reforço dos sobrevoos do avião do Greenpeace na validação dos seus dados.

Também é pelos ares que a organização mostrou ao mundo outra tragédia amazônica: as queimadas. Quando os meses de junho e julho batem à porta, a chuva dá uma trégua e os produtores rurais aproveitam para “limpar” seus terrenos e renovar o cultivo, seja de agricultura ou pasto para a pecuária.

O poder das denúncias do Greenpeace também deu um empurrão à luta dos índios Xavante da Terra Indígena (TI) Marãiwatsédé, no Mato Grosso, que há décadas assistem seu lugar ser invadido por fazendeiros ilegais. Vítimas do descaso e da violência, os Xavante ganharam na justiça, em 2010, o direito de reocupar suas terras, após a organização ter colocado seu drama sob os holofotes.

Um mar de riscos

Um conflito entre preservação e exploração que os mapas escondem: sobrepostas, as áreas de prospecção de petróleo e as zonas prioritárias para conservação marinha revelam que os planos do governo para a indústria e a saúde dos mares estão em rota de colisão. É o que expôs o relatório Geografia do Conflito, lançado pelo Greenpeace em novembro de 2010.

O estudo mapeou o litoral brasileiro a partir de dados do governo sobre a localização dos blocos de exploração de petróleo e sobre as áreas mais importantes para biodiversidade marinha, incluindo manguezais, recifes de corais, dunas, restingas, praias, costões rochosos, lagoas e estuários. Todos eles ameaçados pela exploração do petróleo.

O resultado: cerca de 44% da extensão total da zona marinha brasileira é área prioritária para a conservação, mas apenas 2,6% dessas áreas prioritárias já foram transformadas em unidades de conservação federais. Enquanto isso, a indústria de gás e óleo foram aquinhoadas, até agora, com quase 9% de áreas que deveriam ser protegidas.

Com o estudo, o Greenpeace denuncia os riscos a que nossa rica biodiversidade marinha está exposta graças a uma indústria perigosa e que caminha na contramão dos esforços globais pela mitigação das emissões de gases estufa.



Quatro barris cheios de uma substância preta, mistura de farinha e tinta atóxica lavável, enlamearam a frente da sede da empresa britânica British Petroleum, BP, na capital paulista. O protesto lembrava o desastre ambiental provocado no Golfo do México pela explosão de uma plataforma de petróleo da empresa, no dia 20 de abril. A simulação de vazamento indicava aquilo que o acidente já havia demonstrado: não há tecnologia de exploração capaz de evitar desastres ambientais no mar.

Revolução energética

Um Brasil 100% limpo, que cresce e se desenvolve baseado em fontes de energia seguras e de baixo impacto ambiental. Este futuro é possível, como comprovou a segunda edição do relatório [R]evolução Energética, estudo elaborado pelo Greenpeace em parceria com especialistas do setor de energia.

Até 2050, com a economia brasileira crescendo em ritmo acelerado, 93% da eletricidade produzida no Brasil pode ter origem em fontes renováveis como solar, eólica ou biomassa – o que nos deixaria a praticamente um pulo para tornar realidade, ainda no século 21, o plano de o país funcionar com uma matriz elétrica 100% limpa.

O relatório traça cenários de geração de energia para os próximos 40 anos, partindo de projeções do governo de crescimento da população e do PIB (Produto Interno Bruto) do país e comprova que a revolução é fácil, barata, gera empregos e reduzirá as emissões de gases estufa, compromisso firmado pelo Brasil no âmbito das negociações internacionais de clima.

O relatório foi lançado em dezembro de 2010, durante a 16ª Conferência de Clima da ONU, a COP16, em Cancún. Ele é mais um instrumento de pressão do Greenpeace para que o governo aumente os incentivos às fontes limpas, por exemplo, com a aprovação da Lei de Renováveis, projeto em tramitação no Congresso.

Três toneladas de esterco amanheceram na frente da entrada principal do prédio da Agência Nacional de Energia Elétrica (Aneel), onde, em abril, o governo leiloou a concessão para construção e operação da usina hidrelétrica de Belo Monte, no Pará. Sobre o morro formado de estrume, ativistas colocaram duas placas, com as mensagens: “Belo Monte de... problemas” e outra, mais explícita: “Belo Monte de merda”.



© Greenpeace/Felipe Barra

“Água INB, Gostosa de Morrer”. A frase do cartaz que os ativistas empunharam em janeiro de 2010, no município de Caetité (BA), pressionava a Indústria Nucleares do Brasil (INB) e a Secretaria de Recursos Hídricos a tomar providências quanto a denúncias de água contaminada pela exploração de urânio na região. Convidado a beber um copo com amostra desta água, o secretário Nilo Joaquim de Azevedo recusou a oferta.



© Greenpeace/Luana Parracho



© Greenpeace/Felipe Barra



© Greenpeace/Felipe Barra

Pressão na boca da urna

No dia 14 de outubro, o Greenpeace lançou uma campanha para o 2º turno das eleições presidenciais. A proposta era pressionar os então candidatos, José Serra (PSDB) e Dilma Rousseff (PT), a assinarem um compromisso em favor do desmatamento zero e da aprovação, no Congresso, da Lei de Energias Renováveis.

A campanha contou com duas ações nas ruas. A primeira, em Brasília, tinha como alvo a candidata Dilma, no dia em que assinava carta com seus compromissos com o meio ambiente. Ativistas entraram no evento, ofereceram uma caneta à candidata e abriram um banner com uma pergunta direta: “Dilma, desmatamento zero e lei de renováveis: você assina embaixo?”. Dilma não assinou.

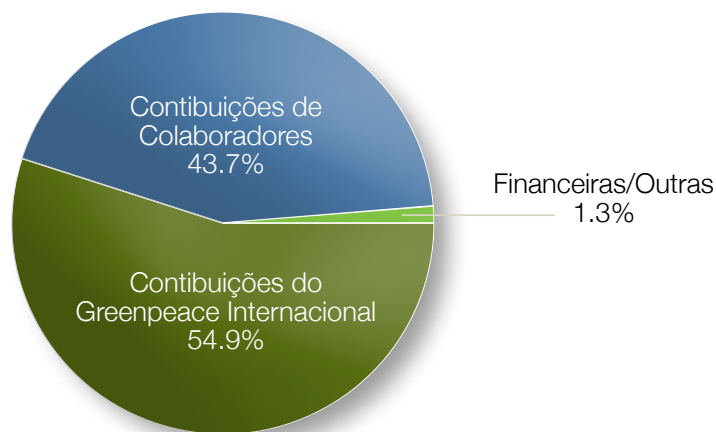
No dia seguinte foi a vez de José Serra receber a mesma pergunta. O banner pegou o candidato de surpresa no interior do Paraná, onde fazia campanha. Serra tampouco assinou o compromisso naquele momento, mas a cobrança surtiu efeito nos dois presidentes. Ambos, em diferentes momentos da campanha, afirmaram serem a favor do desmatamento zero. Além disso, a pressão quebrou um tabu histórico. Foi a primeira vez que o tema ambiente figurou com razoável destaque em uma campanha eleitoral.

O Greenpeace não esteve sozinho nesta campanha. Uma petição feita em parceria com a Avaaz, e que repetia o pedido aos candidatos, teve quase 70 mil assinaturas. Enquanto isto, muitos dos nossos mais de 130 mil seguidores no Twitter também fizeram muito barulho, cobrando dos candidatos que assinassem o compromisso.

O trabalho do Greenpeace para as eleições começou no início de 2010, quando nosso diretor-executivo, o sul-africano Kumi Naidoo, esteve no Brasil. Ele teve encontros com os candidatos Dilma, Marina e Serra e pediu aos três que não medissem esforços para impedir que a bancada ruralista votasse o Código Florestal em ano eleitoral, o que de fato acabou acontecendo. Além disso, pediu apoio dos candidatos na aprovação da lei de energias renováveis.

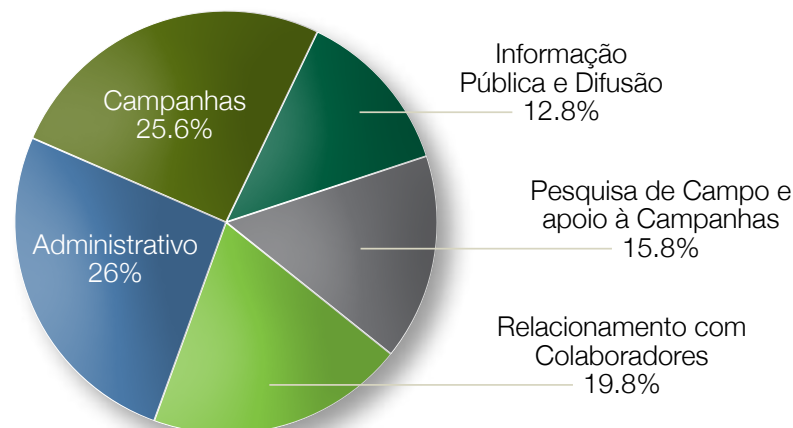
Relatório financeiro

Receitas 2010



	2010	%
Contribuições do Greenpeace Internacional	6437	54.9
Contribuição de Colaboradores	5130	43.7
Financeiras/Outras	158	1.3
Licenças	1	0.0
Total Receitas	11726	100.0

Despesas 2010



	2010	%
Campanhas	3024	25.6
Informação Pública e Difusão	1517	12.8
Pesquisa de Campo e apoio à Campanhas	1870	15.8
Relacionamento com Colaboradores	2341	19.8
Administrativo	3076	26.0
Total Despesas	11828	100.0